

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TECNOLOGIAS DIGITAIS: POSSIBILIDADES<sup>1</sup>

Derli Juliano Neuenfeldt <sup>2</sup>  
Kedman Jesus Silva <sup>3</sup>  
Vanderlúcia Rodrigues da Silva <sup>4</sup>  
Kári Lúcia Forneck <sup>5</sup>  
Jacqueline Silva da Silva <sup>6</sup>

### RESUMO

Este trabalho teve por objetivo identificar e analisar possibilidades de uso de tecnologias digitais nas aulas de Educação Física (EF) nos Anos Finais do Ensino Fundamental. É uma pesquisa qualitativa, realizada em duas escolas da rede municipal de um município do Vale do Taquari – RS/BRA. Participaram dois professores de EF e os alunos de duas turmas, um 6.º e um 8.º Ano. Ela ocorreu no período de 2021 a 2023, em três etapas: 1.ª) identificação das tecnologias digitais utilizadas nas aulas de EF no Ensino Remoto Emergencial (ERE); 2.ª) análise da incorporação (ou não) das tecnologias digitais no retorno às aulas presenciais e, 3.ª) experimentação de tecnologias digitais no ensino da EF. Constatou-se que no ERE as principais tecnologias digitais utilizadas foram o *Classroom*, o *Google Meet* e a produção de fotos e vídeos pelos alunos como estratégia de ensino adotada pelos professores para acompanhar a aprendizagem. No retorno à presencialidade, fez-se uso de vídeos disponíveis no *YouTube* para ampliar a compreensão dos estudantes sobre práticas corporais que foram vivenciadas nas aulas e do celular na seleção de músicas destinadas à criação de coreografias de dança. Nessa etapa, evidenciou-se que os alunos resistiam ao uso de tecnologias digitais pois temiam pela perda do tempo destinado às práticas corporais. Dessa forma, na experimentação proporcionada aos alunos nas aulas de EF, ao utilizarmos de tecnologias digitais (celular, *QR Code*, *Quiz...*), manteve-se a essência desse componente curricular - “o se-movimentar” – sustentado na abordagem crítico-emancipatória (KUNZ, 2016). Essa abordagem rompe com a perspectiva técnico-instrumental (reprodutora), ou seja, as tecnologias digitais foram disparadores para um ensino criativo, crítico, dialógico e construtor de conhecimento. Conclui-se que o uso das tecnologias digitais pode potencializar as aulas de EF, mas deve ser acompanhado de uma perspectiva crítica de ensino.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, ensino, tecnologias digitais.

### INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi diferente em todo o mundo. A pandemia provocada pela Covid-19 afetou todos os setores da sociedade, da economia à educação, das relações sociais a forma de comprarmos alimentos, nos provocando a refletir sobre a estrutura da organização social na

---

<sup>1</sup> Este trabalho é oriundo de projeto de pesquisa apoiado pela Fapergs e pela Univates.

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates, derlijul@univates.br;

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, kedman.silva@universo.univates.br;

<sup>4</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates, vanderlucia.silva@universo.univates.br;

<sup>5</sup> Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, kari@univates.br;

<sup>6</sup> Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, jacqueh@univates.br;

qual vivemos. Apesar de todos os avanços científicos, da ampliação da produção e compartilhamento de informações, acentuadas pela internet, voltamos a sentir que ainda há situações em que o domínio da natureza, desejo da ciência moderna, escapa das nossas mãos. O Coronavírus fez a humanidade recolher-se, não só em seus domicílios, mas também na tomada de consciência da fragilidade da espécie humana. Todavia, a crise também conduziu a superação, atitudes de cooperação e de solidariedade ganharam força na busca pela vacina, na ajuda às classes sociais economicamente desfavorecidas e a pessoas com a saúde debilitada (NEUENFELDT; OLIVEIRA; BAUMGARTEN, 2022).

Evidenciamos também que o ser humano, que predominantemente é definido pela sua capacidade de pensar, sente falta da relação física com o outro, da troca de afetos que foi limitada pelo distanciamento físico, medida de proteção à saúde orientada pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020). Com certeza nos demos conta que somos muito mais que razão, somos carne também, como nos lembra Le Breton (2013).

Não sendo possível a presença física em muitas das atividades cotidianas, houve a necessidade de coletivamente encontrarmos outros caminhos, de inventarmos outras formas de nos relacionarmos, de trabalhar, de ensinar... Como nos diz Santin (1993, p. 60), “[...] o homem é um ser vivo dotado de liberdade, por isso que ele se inventa e cria a si mesmo, não como um indivíduo isolado, mas num contexto social” (SANTIN, 1993, p. 60).

Nesse âmbito, a cibercultura, amplamente discutida a mais de duas décadas por autores como Lévy (2003) e Santaella (2021), se fortaleceu. A pandemia acentuou o uso das tecnologias digitais em todos os setores. Mesmo os mais resistentes as novas tecnologias digitais revisaram suas concepções frente a impossibilidade de realizar encontros físicos e presenciais. O uso das tecnologias digitais foi a alternativa para o comércio, para o trabalho (*home office*), para atendimentos/consultas médicas, para apresentações artísticas, assim como para a continuidade da educação formal, em escolas e universidades.

Em relação à educação formal, na Educação Básica, em todas as etapas de ensino, o desejo de continuar as aulas fez com que cada instituição de ensino recorresse aos recursos disponíveis, sendo o uso de tecnologias digitais, uma das principais alternativas para as escolas que tinham acesso a esses recursos. Portanto, nesse período, consolidou-se um novo conceito: Ensino Remoto Emergencial (ERE). Esse termo, de acordo com Santana e Sales (2020, p. 81), designa “[...] a tentativa de nomear as ações pedagógicas criadas para atender às regulamentações emergenciais emitidas pelos órgãos públicos no que se refere a educação escolar em tempos de pandemia”.

O ERE englobou o uso de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), de modo síncrono ou assíncrono, tais como o *Moodle* ou *Google Classroom*; o uso das redes sociais, tais como o *Facebook*, *Instagram* ou aplicativos como o *WhatsApp*, como caminhos para que os temas de estudo chegassem aos estudantes; assim como, para aqueles sem acesso à internet, foi possível a retirada das atividades impressas na escola, elaboradas pelos professores, para realizá-las em casa, sozinhos ou com apoio de familiares. Porém, foi algo emergencial, com foco principal na continuidade do ensino, muitas vezes, descuidando-se pedagogicamente da forma de uso das tecnologias digitais.

Nesse sentido, Moreira e Schlemmer (2020, texto digital) destacam que o ERE não modificou a forma de ensinar presencial, manteve-se “[...] o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial”. Quanto aos princípios, os autores mencionam que se manteve um ensino transmissivo, bidirecional centrado no professor, com uma lógica do controle, reforçada pelas possibilidades de registrar e gravar tudo que é concebido e disponibilizado para ser poder ser acessado e revisto posteriormente.

Além disso, também nos deparamos com dificuldades quanto ao acesso às tecnologias digitais e a internet de qualidade. Ao longo de 2020, de acordo com Santana e Sales (2020), estratégias alternativas foram ocupando espaço nas rotinas pedagógicas das escolas, mas essas precisavam acelerar para o século XXI no que diz respeito à infraestrutura física e tecnológica, que na grande maioria, permanecem nos séculos passados na dimensão pedagógica, centradas na transmissão de conteúdo.

Frente a esse contexto, essa pesquisa investigou a caminhada que ocorreu desde o início da pandemia em 2020 até 2023, quanto ao uso de tecnologias digitais no ERE e no retorno a presencialidade, analisando especificamente como ocorreram as aulas no componente de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Tem-se, portanto, como objetivo principal desse artigo identificar e analisar possibilidades de uso de tecnologias digitais nas aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Esse foco deve-se ao fato de a Educação Física ter a linguagem corporal como principal eixo de ensino, nos inquietando conhecer como ocorreu o ensino mediado pelas tecnologias digitais na pandemia e possíveis aprendizagens dessa experiência que possam ter sido incorporadas no retorno à presencialidade.

A Educação Física é “[...] o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2017, p. 211). Portanto, a compreensão atual do papel da Educação

Física na escola rompe com a visão limitada que a restringia ao desenvolvimento de aptidão física ou a aprendizagem motora das práticas esportivas. Dessa forma, nos preocupa como está se dando a construção da relação pedagógica com as tecnologias digitais, se estamos conseguindo fazer usos para além da compreensão técnico-instrumental. Novas metodologias de ensino foram experimentadas, professores e estudantes vivenciaram um novo contexto educativo e, nesse sentido, esse conhecimento construído a partir do fazer docente precisa ser sistematizado, analisado e compartilhado com vistas a melhoria da qualidade do ensino da Educação Física escolar.

## **PROCEDIMENOS METODOLÓGICOS**

### **Característica da pesquisa**

Esta pesquisa é qualitativa, que conforme Bogdan e Biklen (1994, p.13), “[...] envolve a detenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Essa abordagem de pesquisa possibilita ao investigador a descrição do fenômeno tal como ele se apresenta em toda a sua complexidade e em seu contexto natural, no caso dessa pesquisa, na escola.

Essa pesquisa também se caracteriza como de campo, que de acordo com Gil (2012), é o momento em que se busca o aprofundamento das questões propostas e a produção de informações junto aos sujeitos investigados. Assim, o investigador se constitui no principal instrumento de geração de informações, pois a imersão no contexto particular dos sujeitos permite a compreensão do contexto investigado, no caso as práticas pedagógicas construídas no período de ERE e aquelas que foram incorporadas ou experimentadas no retorno às aulas presenciais.

A partir do contexto investigado, os pesquisadores, em conjunto com as escolas participantes, também se lançaram ao desafio de planejar e experimentar duas aulas de Educação Física com o uso de tecnologias digitais. Essas aulas ocorreram com os recursos tecnológicos existentes nas escolas e partiram da problemática que visou mostrar aos alunos que é possível conciliar tecnologias digitais com o ensino de práticas corporais. Nesse sentido, essa pesquisa se aproximou da pesquisa-ação pedagógica (PAPE) proposta por Franco (2016) que tem por perspectiva a transformação de uma situação elegida pelo grupo, na coletividade. “Por isso sua prática, via PAPE, é estratégica para a tomada de consciência do professor e para contribuir para a superação de condições inadequadas do trabalho do professor” (FRANCO, 2016, p. 521).

### **Lócus do estudo e participantes**

O contexto da pesquisa foram duas escolas da rede municipal de ensino de um município do Vale do Taquari RS/BRA. Optou-se por essa rede municipal de ensino em razão de ser um município que se situa nas proximidades da Universidade do Vale do Taquari – Univates e por parcerias que existem, tais como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ações que envolvem a realização de estágios das licenciaturas e relacionadas à formação continuada de professores. Quanto aos participantes da investigação, participaram duas professoras de Educação Física e os alunos de duas turmas, um 6.º e um 8.º Anos.

### **Etapas, Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Informações**

Inicialmente, fez a aproximação ao campo de estudo por meio de conversa com a Secretária de Educação a fim de esclarecer os propósitos da pesquisa e obter a autorização, firmando parceria por meio da Carta de Anuência. A definição das escolas participantes se deu a partir de diálogo da Secretaria de Educação e direções das escolas que aderiram voluntariamente. A pesquisa ocorreu no período de julho de 2021 a junho 2023, em três etapas: 1.ª) identificação das tecnologias digitais utilizadas nas aulas de EF no ERE: a partir de entrevistas com as equipes diretivas, professores de Educação Física e realização de grupo de discussão com os alunos.

2.ª) análise da incorporação (ou não) das tecnologias digitais no retorno às aulas presenciais: mediante observação de aulas de Educação Física e grupos de discussão com os alunos.

3.ª) experimentação de tecnologias digitais no ensino da EF: envolveu planejamento de duas aulas em conjunto com as professoras de Educação Física e sua experimentação nas turmas do 6.º ano e 8.º Anos (uma aula com cada turma).

### **Análise das informações**

Nesse artigo, não trazemos a análise de todas as informações produzidas, mas uma síntese do percurso desenvolvido nesses dois anos de pesquisa. Em relação à análise das informações utilizamos a análise textual discursiva proposta por Moras e Galiuzzi (2016). Essa análise constitui-se em um processo de aprofundamento de processos discursivos a partir da leitura de materiais textuais, objetivando “[...] descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos” (MORAES, 2007, p. 89). Portanto, apresentamos um novo texto construído para partir da análise das informações produzidas, destacando-se o que emergiu, aspectos importantes da do ensino da Educação Física escolar mediadas pelas tecnologias digitais.

### **Cuidados Éticos**

Quanto aos cuidados éticos, as abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas. A Secretaria de Educação do município autorizou o estudo por meio da Carta de Anuência; os pais ou responsáveis pelos estudantes autorizaram a participação deles, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enquanto os estudantes assinaram o Termo de Assentimento; também as professoras assinaram o TCLE. Na apresentação dos resultados, os nomes das escolas, dos professores e dos alunos não são divulgados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos, destacando a importância de analisarmos a experiência didático-pedagógica que tivemos no período da pandemia. As circunstâncias geradas pelo isolamento e pelo distanciamento social criaram a necessidade de uma reestruturação do ensino e uma aproximação com as tecnologias digitais. Com as aulas presenciais canceladas às pressas no Brasil, em 2020, devido à gravidade da situação e à rápida disseminação viral, não houve possibilidade de orientações presenciais a respeito de como se daria o ensino nesse período, o que deixou professores e alunos desamparados, vivendo uma situação sem precedentes. Sem uma decisão homogênea de como proceder, cada escola construiu seu próprio caminho e adaptou-se à realidade de seus alunos e professores. De forma geral, as direções das escolas intervieram e iniciaram um processo de capacitação digital de professores e alunos, mergulhando nos ainda não (ou pouco) explorados Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) ou aplicativos como o *WhatsApp* (NEUENFELDT; OLIVEIRA; BAUMGARTEN, 2022).

As escolas do estudo utilizaram-se do *Google for Education*, especialmente, o *Classroom* e o *Meet*. Para os alunos sem acesso à *Internet*, as atividades foram disponibilizadas de forma impressa. O *WhatsApp* foi utilizado apenas pela equipe diretiva das escolas, para auxiliar na comunicação com alunos e familiares. Os professores de Educação Física mencionaram dificuldades de acompanhar o envolvimento dos alunos e como estava se dando a aprendizagem. Por essa razão, um dos recursos mais importantes foram os vídeos. O uso de vídeos já disponíveis em plataformas, tal como o *YouTube*, relacionados aos objetos de ensino da Educação Física ou à produção de novos por parte de professores e alunos foi destacado como recurso que possibilitou acompanhar melhor a aprendizagem.

No ano de 2022, nas escolas do estudo, observamos aulas de Educação Física de duas turmas. Constatamos o uso de tecnologias digitais em atividades como assistir a um vídeo em sala de aula sobre o esporte que seria experimentado na sequência e na escolha de músicas pelos

alunos para a elaboração de uma coreografia a ser apresentada em aula. Portanto, os resultados mostraram que as tecnologias digitais foram utilizadas durante a pandemia e no retorno às aulas presenciais. Contudo, seu uso é acompanhado de certa resistência por parte dos alunos, pois compreendem que, na Educação Física, diferente de outros componentes curriculares, não há essa necessidade. Entendem que a Educação Física é lugar para movimentarem-se e que a experiência que tiveram na pandemia, mesmo com os professores solicitando que fizessem exercícios físicos, desafios motores, não gerou uma compreensão de que o movimento pode estar associado às tecnologias digitais.

Esse contexto nos inquietou e nos permitiu inferir que os alunos associam as tecnologias digitais a trabalhos de pesquisa na *internet*, ao uso dos laboratórios de informática, à postagem de tarefas no *Classroom* e, conseqüentemente, a metodologias de ensino que não priorizam o movimentar-se. Isso nos provocou a pensar se, frente ao crescente uso das tecnologias digitais, não seria a Educação Física escolar um espaço de resistência, “[...] um lugar que permita ao aluno ser corpo, de experimentar e vivenciar livre da busca de resultados, de uma escola que é pressionada a privilegiar o futuro em detrimento do presente, esquecendo o momento existencial que crianças e adolescentes vivem” (NEUENFELDT *et al.*, 2022, p. 9). Por outro lado, nos desafiou a planejarmos aulas de Educação Física nas quais a presença de tecnologias digitais não excluísse ou limitasse o movimento humano.

Por isso, entendemos que as tecnologias digitais devem estar a serviço da concepção de ensino que se defende, no nosso caso, entendemos que elas devem contribuir para o “se-movimentar”, conceito constituinte da abordagem crítico-emancipatória (KUNZ, 2016). Nessa abordagem o ensino não tem como o propósito sobrepular, mas ser um espaço para que os alunos possam criar, interagir e construir suas próprias experiências de movimento. Portanto, o uso de tecnologia digitais não pode se limitar ao instrumental. Essa é a preocupação também manifestada por Moreira e Schlemmer (2020, texto digital): “A tecnologia sozinha não muda as práticas pedagógicas, sendo que para maximizar os benefícios da inovação tecnológica, principalmente os que se referem às TD, importa alterar a forma como se pensa a educação”.

Nessa linha, para abordarmos possibilidades e potencialidades das tecnologias digitais para o ensino da Educação Física, necessitamos partir de uma compreensão de Educação Física. Entendemos que a Educação Física não se restringe ao saber-fazer, engloba também um saber sobre esse fazer. Aqui, recorreremos a González e Fensterseifer (2010) que nos dizem que a EF tem responsabilidade com o conhecimento produzido, que vai muito além do “exercitar-se”. Por isso, os autores entendem que a EF deve tratar dos conhecimentos relativos: “a) às possibilidades dos seres humanos de movimentar-se; b) às práticas corporais sistematizadas,

vinculadas ao campo do lazer e à promoção da saúde; c) às estruturas e representações sociais que atravessam esse universo” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p. 13).

Portanto, para darmos um passo a mais no uso das tecnologias digitais nas aulas de Educação Física escolar nos lançamos ao campo do ensino, planejamos e experimentamos duas aulas nas escolas do estudo. Partimos da realidade escolar, das tecnologias digitais que a escola e alunos tinham acesso, principalmente o celular. Inspirados no artigo “QR Code: uma proposta pedagógica na formação dos professores de Educação Física” (LUZ *et al.*, 2020), planejamos as aulas.

Em ambas escolas foram utilizados *QR Codes*, acessados através de celulares, que conduziram os alunos a atividades problematizadoras e a vídeos explicativos de práticas corporais. No 6.º Ano foi desenvolvido uma gincana envolvendo as modalidades de atletismo, futsal, handebol, voleibol e dança. No 8.º Ano, a aula tematizou os fundamentos do futsal e possibilidades de modificar a exclusão dos menos habilidosos no momento da escolha das equipes para os jogos. A gincana ocorreu em dezembro de 2022, com a turma do 6.º ano. Na outra escola, em abril de 2022, também experimentamos uma aula. Essa ocorreu com uma turma no 8.º Ano, tendo como objeto de ensino o futsal.

As duas aulas planejadas e experimentadas nas escolas contribuíram para que a pesquisa avançasse na produção do conhecimento que trata sobre o uso das tecnologias digitais na Educação Física. A pesquisa não se limitou apenas a investigar como ocorreu o uso de tecnologias digitais no período da pandemia, mas também produziu conhecimento a partir dos referenciais teóricos estudados e da realidade escolar, possibilitando falar com mais propriedade sobre o tema.

A partir dessas duas experimentações, podemos destacar que uma das potencialidades das tecnologias digitais diz respeito à ampliação das possibilidades de os alunos terem acesso às práticas corporais sistematizadas e ao conhecimento produzido sobre elas. Isso foi evidenciado na pesquisa, ocorrido com mais ênfase na pandemia. As tecnologias possibilitam ampliar a visão de mundo dos alunos.

Com o retorno da presencialidade, a experimentação corporal possibilita a construção de saberes de outra ordem, construídos pela experimentação sensível, individual e que é própria de cada aluno. Contudo, entendemos que o uso das tecnologias digitais no acesso ao conhecimento sobre elas deve ser mantido, uma forma não se sobrepõe a outra.

As tecnologias digitais também têm potencialidades para contribuir na construção e reconstrução do conhecimento, na perspectiva de uma Educação Física sustentada numa abordagem de ensino crítica e emancipatória (KUNZ, 2016). Não se quer alunos que somente

reproduzam ou acessem o que já existe. Portanto, as tecnologias podem ser usadas como estratégias metodológicas para que favoreçam um ensino no qual os alunos construam coletivamente respostas a problematizações. Essa estratégia foi utilizada nas duas aulas ministradas pelos pesquisadores, uma para um 6.º ano e outra para um 8.º ano, nas quais, amparadas na abordagem crítico-emancipatória, as tecnologias digitais serviram para potencializar a criatividade dos alunos e a criticidade. Os alunos tiveram que criar formas de movimentos e apresentar as colegas, discutir formas de organização das equipes para jogos de maneira que não fossem excludentes, ou seja, que todos tivessem oportunidade para jogar.

Logo, o professor pode - e inclusive espera-se que o faça - escolher múltiplas metodologias. E, nesse sentido, as tecnologias digitais contribuem para a construção e reconstrução do conhecimento. E isso, é possível se o seu uso na Educação Física assumir o compromisso de desenvolver uma formação a partir dela, que, como mencionam Moreira e Schlemmer (2020), assume uma perspectiva crítica para além da instrumental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que no ERE as principais tecnologias digitais utilizadas foram o *Classroom*, o *Google Meet* e a produção de fotos e vídeos pelos alunos como estratégia de ensino adotada pelos professores para acompanhar a aprendizagem. Os resultados mostraram que as tecnologias digitais foram utilizadas durante a pandemia e no retorno às aulas presenciais, mas seu uso é acompanhado de certa resistência por parte dos alunos, pois compreendem que, na Educação Física, diferente de outros componentes curriculares, não há essa necessidade.

Isso nos desafiou a planejar e experimentar o ensino da Educação Física com tecnologias digitais tendo o movimentar-se como centro da aula. A partir da análise das informações produzidas pelas entrevistas, grupo de discussão e observações das aulas, em conversa com as professoras da turma, nos propomos conjuntamente, a planejar e a experimentar o ensino da Educação Física com o uso de tecnologias digitais.

Num mundo cada vez mais digital, não podemos ignorar que elas fazem parte da vida dos alunos. Na pandemia, fez-se uso de tecnologias digitais que ampliaram o espaço da sala de aula, como, por exemplo, os AVA, que podem ser mantidos no ensino presencial, bem como aplicativos como o *WhatsApp*, que podem ser utilizados para criar uma rede de apoio entre os alunos, junto com os professores.

Há um desafio na Educação Física Escolar, que é rever o discurso de que as tecnologias digitais são responsáveis pelo sedentarismo, pela obesidade e que tornam os indivíduos consumidores passivos, o que conduz a uma resistência ao seu uso didático-pedagógico. Essa mudança de concepção passa pela formação inicial e continuada dos professores, no sentido de ampliarmos a compreensão da Educação Física para além do saber-fazer. Os alunos também precisam conhecer novas perspectivas de ensino para ampliarem os seus olhares e aprenderem a usar as tecnologias digitais para a aprendizagem, não apenas para o entretenimento.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 13 de mar. de 2020.
- FRANCO, M. A. S. Pesquisa-ação pedagógica: práticas de empoderamento e participação. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 511-530, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/issue/view/1196>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- GIL, C. A. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2012.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “Não mais” e o “Ainda não”: Pensando saídas do não lugar da escola II. **Cadernos de Formação RBCE**. Campinas: CBCE e Autores Associados, p. 10-21, mar., 2010.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2016.
- LE BRETON. D. **Adeus ao corpo**. 6e. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 2e. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LUZ, F. S. *et al.* QR Code: uma proposta pedagógica na formação dos professores de Educação Física. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.22, n.2, p. 261-272, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6257/625764627019/625764627019.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J. V. **Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007, p. 85-114.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva**: 3 ed. Ijuí: Unijuí: 2016.

MOREIRA, J. A; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg.v20.63438. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 3 ago. 2023.

NEUENFELDT, D. J. *et al.* Educação Física escolar e Tecnologias Digitais: um olhar para o lugar do corpo na escola. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Maceió: Editora Realize, p. 1-11, 2022. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO\\_EV174\\_MD1\\_ID12627\\_TB1017\\_20062022141910.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID12627_TB1017_20062022141910.pdf). Acesso em: 07 mar. 2023.

NEUENFELDT, D. J.; OLIVEIRA, E. S. de; BAUMGARTEN, M. Educação física escolar: desafios, superação e retorno às aulas presenciais. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e44216, 2022. DOI: 10.26512/lc28202244216. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/44216>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SANTAELLA, L. **Humanos Hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTANA, C. L. S. E; SALES, K. M. B. Aula em casa: Educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.10, n.1, p.75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181/4130>. Acesso em: 04 set. 2020.

SANTIN, S. Em busca da filosofia do corpo. In.: SANTIN, Silvino. **Educação Física outros caminhos**. 2 e. Porto Alegre: EST/ESEF, 1993. p. 47-65

WHO. **Recomendações sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19**. World Health Organization. 2020. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC\\_Masks-2020.4-por.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC_Masks-2020.4-por.pdf)